O CAMINHO DA VIDA

★

J. KRISHNAMURTI

O CAMINHO DA VIDA

(Palestras radiofônicas realizadas na India e no Ceilão em 1947 - 48 - 49 e 50)

J. KRISHNAMURTI

O Caminho da Vida

Tradução de
HUGO VELOSO

Editado pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Rio Branco, 117 - sala 203
Rio de Janeiro (Brasil)
1951

Uma Nova Maneira de Considerar a Vida

Estamos bem conscientes da confusão e do sofrimento que existem em nós e em redor de nós. Política e socialmente, não é essa confusão uma crise passageira, como tantas outras o foram, porém, antes, uma crise de significação extraordinária. Tem havido guerras, depressões econômicas e convulsões sociais, em diferentes períodos. A crise de que falo não é comparável a êsses desastres periódicos. Essa crise não atinge particularmente um dado país, nem se origina de qualquer sistema, religioso ou secular; é, sim, uma crise que atinge o próprio valor, a própria significação do homem. Não devemos, por essa razão, pensar em reformas de retalhos, nem buscar a substituição de um sistema por outro. Para compreendê-la, é necessária uma revolução no pensar e no sentir. Tôda essa confusão e tristeza não resulta de meros fatos externos, por mais catastróficos que tenham sido, sendo, antes, o resultado da confusão e das angústias que moram em nós mesmos. Nessas condições, sem compreensão do problema individual, que é o problema do mundo, não é possível a paz e a ordem dentro em nós, nem, portanto, fora de nós.

Uma vez que fostes vós e fui eu quem provocou tanta degradação e angústia, é de todo inútil apelarmos para um sistema qualquer, na esperança de transformarmos as condições atuais. Já que tanto vós como eu somos responsáveis pelo caos reinante, cumpre que promovamos em nós mesmos a transformação dos valores.

Essa transformação dos valores não se pode realizar mediante legislação alguma, nem pela ação compulsória de fatôres externos. Se apelarmos para essas coisas, o que encontraremos será a repetição das mesmas aflições e confusão. A êsse estado de conflito e confusão fomos reduzidos pela predominância que temos atribuído aos valores materiais, porquanto êstes produzem sempre o embotamento da mente e do coração. Os valores materiais tornam a nossa existência automática e estéril.

Alimentação, vestuário e abrigo não representam, em si próprios, um fim, mas se convertem nisso quando a significação psicológica do homem deixa de ser compreendida. A regeneração só será possível quando cada um, como indivíduo, se tornar cônscio das condições que limitam o pensamento e o sentimento. Tal limitação é imposta à mente por ela própria, na perene busca de segurança para si, sob a forma de propriedade, família, idéia ou crença. Essa busca psicológica de segurança torna necessário o cultivo das coisas criadas pela mão ou pela mente. E assim, as coisas, a família, o nome, a crença, assumem importância excepcional, porquanto por meio delas procuramos a felicidade. Mas, como não é possível encontrar-se nelas a felicidade, cria o pensamento uma forma mais elevada de crença, uma forma mais elevada de segurança. Enquanto a mente buscar essa segurança para proteção dela própria, não haverá compreensão das relações entre os homens; pois, nesse caso, a vida de relação consiste sòmente numa busca de satisfação, e não num processo de autoconhecimento.

Releva compreender-se o significado da verdadeira vida de relação. Não é possível a existência no isolamento. Ser é estar em relação. Sem relação, não se concebe a existência. A vida de relação é desafio e reação. A relação de uns com os outros constitui a sociedade; a sociedade não está independente de vós; a coletividade não é uma entidade separada, porém, sim, o produto de vós e de vossas relações com outros. Mas, em que se baseiam

essas relações? Direis que estão baseadas na interdependência, no auxílio mútuo, etc.; mas, não levando em consideração essa cortina sentimental que suspendemos à frente uns dos outros, em que se funda, na realidade, a vida de relação? Na satisfação mútua, não é verdade? Se eu não vos agrado, vós vos desembaraçais de mim por diferentes maneiras; e se eu vos agrado, vós me tomais para espôsa, vizinho, amigo, ou "guru". Êste é que é o fato real, não achais? Mantemos relações onde encontramos satisfação mútua, mútuo aprazimento; e, quando não o encontramos ou não nô-lo dão, substituímos as nossas relações: recorremos ao divórcio ou, resignando-nos à situação, saímos à procura de satisfação em outras partes; ou trocamos de "guru", de mestre, ou nos filiamos a outra organização. Passamos de uma organização para outra, até encontrarmos o que buscamos, que é a satisfação, a segurança, o confôrto, etc. Ao procurardes satisfações na vida de relação, é sempre certo o conflito. Quando, na vida de relação, se busca a segurança, sempre fugaz, surge a luta pela posse, pelo domínio, e as penas da inveja e da incerteza. As exigências egoistas, a ânsia de possuir, o desejo de segurança e confôrto psicológicos, tudo isso é a negação do amor. Podeis falar do amor como responsabilidade, dever, etc., mas o fato é que não existe, não é perceptível o amor na estrutura da moderna sociedade. A maneira como tratais vossos maridos e espôsas, vossos filhos, vizinhos e amigos, é bem indicativa da ausência do amor na vida de relação.

Qual é então o significado da vida de relação? Se observais a vós mesmos, nas vossas relações, não descobris que exprimem um processo de auto-revelação? O vosso contato com outros não revela, se estais atentos, o vosso próprio modo de ser? A vida de relação constitui um processo de auto-revelação, de auto-conhecimento; quando ela nos revela pensamentos e ações desagradáveis e inquietantes, dá-se uma fuga dessas relações para outras mais cômodas e confortantes. Tornam-se muito pouco

significativas as nossas relações, quando baseadas na mútua satisfação, mas, por outro lado, se tornam altamente significativas quando nos revelam a nós mesmos. O amor prescinde de relações. É sòmente quando a outra parte se torna mais importante do que o amor, que começam as relações de prazer e de dor. Quando nos abandonamos total e completamente, quando amamos realmente, não existem então relações de satisfação mútua ou como processo de auto-revelação. No amor, não há recompensas. Um tal amor é algo maravilhoso. Não há nêle atritos, mas uma completa integração, um estado de êxtase. Êsses momentos raros, de suprema ventura e alegria, ocorrem ao existir o amor, a comunhão completa. O amor se retrai quando o seu objeto assume maior importância; declara-se então um conflito de posse, de temor, de despeito; e por isso se retrai o amor; e quanto mais se retrai, tanto mais cresce o problema das relações, perdendo estas seu valor e significado. Não se pode fazer nascer o amor por meio da disciplina ou outro meio qualquer, nem pela compulsão intelectual. É um estado que se apresenta depois de cessarem as atividades do ego. Essas atividades não devem ser suprimidas pela disciplina, nem reprimidas ou evitadas, porém compreendidas. É necessário percebimento e, portanto, compreensão das atividades do ego, em tôdas as suas diferentes camadas.

Sem auto-conhecimento, não é possível o pensar correto. Só pode aparecer o correto pensar estando cada um cônscio de seus pensamentos, sentimentos e atividades de cada dia. Nessa percepção, na qual não pode haver condenação, justificação ou identificação, pode cada pensamento completar-se e ser compreendido. Dêsse modo, nessa percepção isenta de escolha, começa a mente a libertar-se dos empecilhos e das sujeições que ela mesma criou. Só nessa liberdade é possivel o aparecimento da realidade.

Nosso problema, pois, não consiste em nos ligarmos a qualquer sistema de pensamento, político ou religioso, mas, sim, no despertar do indivíduo para o seu próprio conflito,

confusão e sofrimento. Quando se torna cônscio o indivíduo da luta e da dor de sua existência, a reação imediata é a fuga através das crenças, das atividades sociais, dos entretenimentos, ou de sua identificação com as atividades políticas, seja da direita ou da esquerda. Mas a confusão e o sofrimento não se dissipam com a fuga, que só faz recrudescer a luta e o sofrer. As fugas que nos oferecem as organizações religiosas como meio de dissolver essa confusão, são evidentemente indignas de um homem reflectivo; porquanto o Deus que oferecem é o Deus da segurança, e não o entendimento da confusão e da dor em que o homem vive.

A idolatria, o culto das coisas fabricadas pela mão ou pela mente, só redunda no incitamento do homem contra o homem; o que ela favorece não é a dissolução do sofrer humano, porém, antes, uma fuga cômoda, uma distração insensibilizadora da mente e do coração. Da mesma natureza são os sistemas políticos; nêles encontra o homem fáceis vias de evasão da existência atual. Porque nessas coisas o presente é sacrificado ao futuro. Mas o presente é a única porta através da qual a compreensão pode despontar. O futuro é sempre incerto e só o presente pode ser incessantemente transformado pela compreensão plena e profunda da realidade. Nessas condições, nem as religiões organizadas, nem os sistemas políticos são capazes de resolver tal confusão e sofrimento do homem.

É o próprio homem, sois vós mesmos que tendes de enfrentar essa confusão, deitando fora todos os sistemas e tôdas as crenças e procurando compreender o que realmente se passa em vosso interior. Porquanto o que sois o mundo é; e não é possível promover-se a transformação do mundo sem prévia transformação de vós mesmos. Assim sendo, cumpre-nos insistir não na simples transformação do mundo, mas na transformação do próprio indivíduo, de vós mesmos; porque vós sois o mundo, e o mundo não existe sem vós. Para realizar-se essa transformação, o guia, espiritual ou secular, torna-se um empecilho, um

fator de degenerescência na civilização. Só poderá realizar-se essa regeneração quando vós, afastando todos os empecilhos, tais como o nacionalismo, as religiões organizadas, as crenças organizadas, e aqueles obstáculos que incitam o homem a lutar com o homem — os preconceitos de casta e de raça, os sistemas, etc. — compreenderdes a vós mesmos mediante a percepção de vossos pensamentos, sentimentos e ações de cada dia.

É só quando o pensamento está libertado dos valores materiais criados pela mão ou pela mente, que nos é dada a visão da verdade. Não há senda conducente à Verdade. Tendes de navegar por mares sem roteiros para a encontrardes. A Realidade não pode ser comunicada a outro; porquanto o que se comunica é o que já se sabe, e o que é sabido não é o Real. Não reside a felicidade na multiplicação de projetos ou sistemas, nem nos valores oferecidos pela civilização atual; ela reside, antes, naquela liberdade que a virtude nos traz; a virtude não é, por si só, um fim, mas é essencial; porque só nessa liberdade se manifesta a Realidade. A mera procura e a simples multiplicação dos valores materiais só pode conduzir-nos a uma confusão maior, uma angústia maior, a novas guerras e desastres.

Só será possível a paz e a ordem no mundo quando vós, como indivíduos, pelo autoconhecimento e, pois, pelo pensar correto, o qual não se encontra nos livros nem nos é transmitido por mestre algum, alijardes aquêles valores que geram a luta e a confusão. A finalidade do homem não é essa luta e sofrimentos contínuos, mas sim, aquêle amor e aquela ventura que nascem com a Realidade.

Madrasta, 16-10-1947.

A Maneira de Viver

ESTE mundo humano em que vivemos é constituído de indivíduos, e, sem o indivíduo não teria existência a sociedade. Os problemas mundiais são, ùnicamente, problemas atinentes às relações entre os homens. Por consequencia, o problema individual é o problema do mundo. O mundo é apenas o indivíduo nas suas relações com outros indivíduos, baseadas no que êle pensa de si próprio.

O homem é o produto de um processo universal, e não uma fôrça separativa; o seu ser não se funda no antagonismo. O que atinge o indivíduo atinge profundamente o mundo; não existe separação; a regeneração do indivíduo se reflete imediata e totalmente na transformação do mundo.

Sem a regeneração do indivíduo, não pode haver revolução fundamental. Sem uma revolução básica dos valores, não é possível uma ordem verdadeira e duradoura. É nosso empenho promover essa revolução. Uma revolução no pensar e no sentir e, conseqüentemente, na ação. Essas três coisas não estão separadas, sendo, antes, um processo unitário. São relacionadas entre si e mutuamente dependentes.

Só depois de havermos promovido a paz e a ordem em nossas vidas e saído da presente confusão, será possível a compreensão do Real, e apenas essa compreensão pode trazer a felicidade à espécie humana. Sem ela, o que quer que façamos conduzirá inevitávelmente a novos desastres e sofrimentos.

Vós, o indivíduo, sois muito mais importante do que qualquer sistema, religioso ou social. Os sistemas estão impedindo o homem de resolver os seus problemas. Os sistemas se tornaram, hoje em dia, muito mais importantes do que o sofrimento humano. Os padrões de ação destroem a liberdade do homem, conduzindo-o à confusão e à angústia. Sòmente na compreensão do que existe, do que está presente, do que é real, se encontra a possibilidade de sua transformação. O mundo só pode ser modificado no presente e não no futuro, só pode ser modificado aqui mesmo, e não em outra parte.

Se recorremos a sistemas-padrões de ação, criamos necessàriamente os guias e os "gurus", que nos levam para longe do problema central de nosso sofrimento. Não pode o sofrimento ser superado por meio de qualquer crença ou padrão de ação. Guia nenhum, seja político ou religioso, pode criar a ordem em nós mesmos. Cada um de nós precisa compreender a confusão e sofrimento que estão em nós e que projetamos no mundo. Essa projeção é a sociedade, com sua violência e degradação.

Sofremos em diferentes níveis de nossa consciência, física e psicològicamente. Assume êsse sofrimento formas diferentes em cada um, porém devemos suspeitar das dissemelhanças e concentrar-nos na semelhança.

Existe um caos econômico motivado pela exagerada importância atribuída aos valores materiais. Procuramos resolvê-lo com o aumento dos valores materiais, com o fomento da produção de utilidades. Apelamos para a máquina, na busca de maiores satisfações, conferindo assim importância às coisas, à propriedade, ao nome e à casta. Se lançamos os olhares em tôrno de nós ou para dentro de nós, percebemos como se tornaram extraordinàriamente importantes a propriedade, o nome e a casta, e em vista de haverem assumido tão predominante valor, produzem essas coisas conflitos entre os homens. Servimo-nos das coisas feitas pela mão ou pela máquina como via de fuga de nosso conflito e aflição psicológicos.

Nessas condições, uma simples reorganização das coisas em conformidade com qualquer padrão de ação, seja da extrema esquerda ou da direita, pouco significará se não compreendermos a confusão e a angústia psicológica em que vive cada um de nós.

Assim, tôda importância deve ser dada ao conflito que se trava dentro do indivíduo. De nada vale estarmos a tentar contìnuamente implantar a ordem na existência exterior; porque o interior, o fator psicológico dominará sempre o exterior, por mais eficiente e sàbiamente que o tenhamos organizado e regulado pela legislação.

Êsse conflito psicológico dentro em nós é da máxima relevância. Êle se manifesta em nossas relações com as coisas, as pessoas e as idéias. É essa falsa relação a causa do sofrimento. E promover a verdadeira vida de relação é a tarefa de cada um dos que estamos procurando dissipar êsse caos aterrador, esta angústia que se observa no mundo.

Não é possível o isolamento do mundo, porquanto ser é estar em relação. Sem compreensão da vida de relação, não há ação verdadeira, uma vez que isso que chamamos ação é simplesmente um movimento dentro dos limites da ideologia. Êsse movimento criará, inevitàvelmente, mais tristezas e sofrimentos. A vida de relação é comunhão, e essa comunhão é impedida quando forte o processo de insulamento. Na vida de relação está cada um de nós simplesmente à procura de segurança em diferentes planos da existência. A busca de satisfações através das coisas, através das pessoas e das idéias, promove o insulamento, uma muralha em que ficamos encerrados e que impede a vida de relação. Embora julguemos estar em relação, o que na verdade fazemos é olhar por cima da muralha, mas permanecendo sempre nessa clausura e, conseqüentemente, provocando maiores sofrimentos para nós mesmos e para outros. As relações em isolamento conduzem inevitàvelmente à crueldade e ao temor.

Mas a vida de relação não necessita de ser um pro-

cesso de isolamento. Ela pode ser um processo de autorevelação, qual é a compreensão de nós mesmos. Essa compreensão constitui um processo total. O autoconhecimento que nos vem através da vida de relação não pode ser encontrado nos livros, nem no "gurú" e tão pouco em guia nenhum. Se recorreis a êles, o que estais é unicamente fugindo da ação imediata. É, pois, sobremodo importante compreender a função de nossa relação com as coisas, as pessoas e as idéias. O sofrimento vem afligir-nos quando as nossas relações, em vez de constituírem uma atividade reveladora de nós mesmos, tornam-se um movimento de enclausuramento do indivíduo.

Nessas condições, não devemos, no sofrimento, tentar descobrir para o mesmo uma solução. Devemos, sim, considerar as nossas relações, uma vez que são elas a causa primária do sofrimento. O sofrimento é o efeito de uma intenção errônea na vida de relação. Sempre que buscamos nas relações a satisfação, a fuga ou a segurança, aproximamo-nos de outrem sob o impulso de um motivo, e essa aproximação encerra a violência. E porque existe violência na vida de relação, existe a violência no mundo.

O ideal da não violência consiste em evitar a compreensão da violência. O idealista que aspira à não violência, evita, com isso, a transformação fundamental da violência. A não violência é mera idéia, mas o que se observa como um fato real é a violência. A violência é susceptível de ser compreendida e transformada, quando afastado o ideal ilusório da não violência. A idéia do oposto torna-se um obstáculo à realidade. O oposto da violência é também violência, não é o Amor, que é a própria Eternidade. O idealista, que busca o oposto, jamais conhecerá êsse Amor. O seu empenho se resume, sempre, em tornar-se não violento, o que representa sempre a expressão do ego, em sentido positivo ou negativo. Cumpre abandonarmos o ideal, a fim de resolvermos o processo do sofrimento. O saber acumulado, que é puramente

memória, deve ser pôsto à margem; porquanto o presente não pode ser compreendido através do passado, mas o passado pode ser compreendido no presente. Não pode o problema da violência ser resolvido pelo raciocínio, uma vez que as raízes do raciocínio e da violência são idênticas. Só com a cessação da atividade do raciocínio, chegará a violência a seu têrmo. Ela desaparece quando o percebimento, livre de condenação ou julgamento, envolve a violência na compreensão compassiva. A cessação do raciocínio, é o "ser", e o "ser" é sempre fôrça criadora. Só então nos é dada essa felicidade suprema que, para ser fruída, precisa primeiro ser descoberta.

A violência predominante em todo o mundo não poderá ser vencida por meio de padrões de ação, seja da direita ou da esquerda. A violência denota vácuo interior, o qual não pode ser preenchido nem pela violência nem pela não violência, uma vez que a própria luta para preencher êsse vácuo conduz a violência ainda maior. Para ficarmos livres da violência, precisamos compreender êsse vácuo. Isso acontecerá quando estivermos sós, mas não em isolamento. O estar solitário é estar livre da crença, sob qualquer forma que seja, livre de todos os estorvos que entulham a nossa vida. É só nessa liberdade que se nos mostra a Realidade. A Realidade é a plenitude da compreensão e do amor.

Êsse Amor não nasce da repressão do ódio e da violência. Só quem olhou de frente a violência, sem voltar o rôsto, sem encobrí-la com um ideal, o que também é violência, tanto na intenção como nos resultados, só êsse conhecerá aquêle Amor. O Amor não é o alvo, a meta longínqua de uma jornada penosa; êle está contido na aceitação do que existe de fato, do que é Real. No amor à vida reside a Verdade, e não no ideal, que é violência para com a Verdade. Só a Verdade pode fazer-nos livres, e só na liberdade pode existir o Amor à humanidade.

Essa liberdade não é independência, porquanto esta é puro isolamento. Essa liberdade não conhece fronteiras

marcadas pela mão dos homens. E' a liberdade da mente, nascida da compreensão compassiva. Essa liberdade é sempre individual, nunca política ou econômica. Ela é sempre uma revelação interior. Ninguém no-la pode dar, nem tão pouco é ela o resultado de luta. Ela vem por si, silenciosa e pronta, quando a mente contempla as suas próprias limitações com humilde compreensão.

Só essa liberdade é capaz de renovar o mundo. Aquêles que a viram nascer em si próprios são os únicos verdadeiramente não violentos, porquanto são não violentos para com a Verdade. São êles os precursores da maior revolução de tôdas — a revolução do Real.

Bombaim, 16-2-1948.

O Caminho da Vida

ONDE quer que viva, cada um de nós está cônscio da existência, no mundo, de uma confusão sempre crescente. Essa desorientação, essa degeneração dos valores não se restringe a uma dada classe ou nação. Onde quer que vivamos, qualquer que seja o nível social a que pertençamos, estamos cônscios, nas nossas relações com o mundo exterior e com o mundo interior das idéias, da existência de conflito e angústia aparentemente intermináveis.

Já muitas soluções têm sido oferecidas para tal confusão, soluções econômicas e políticas, sociais e religiosas. Todavia, não há sistema que possa suscitar a paz. Os sistemas, com suas ideologias e seus padrões de ação, visam ùnicamente a reformas e ajustamentos externos. Incapazes são êles de efetuar uma transformação radical, uma vez que se esforçam por alcançar um resultado, um objetivo, o qual decorre de conhecimento superficial, de cálculos e frustrações. O saber que encerram não é integral. Os especialistas que apresentam fórmulas bem concebidas, sofrem da obsessão das realizações preformuladas, preconcebidas, e são incapazes de compreender as complexidades psicológicas da mente e do coração.

Os sistemas, interessados que estão, inteiramente, nos resultados e não nos meios, só nos podem oferecer padrões de ação e variações de idéias. Enquanto a paz for concebida como uma resultante do choque de ideologias, não poderá haver paz. Enquanto a paz estiver na dependência do lado que vencer, estará o vitorioso condenado, ine-

vitávelmente, ao desastre, porquanto, para que possa vencer, terá de desencadear fôrças que o escravizam. O caminho da paz consiste em compreender-se a falácia da idéia de que a paz é o resultado de luta, o epílogo de um conflito físico ou mental entre antagonistas militares ou ideológicos. A paz não resulta de luta; a paz é o que permanece, depois de dissolver-se, de tôdo, o conflito na chama da compreensão; a paz não é o oposto do conflito, nem a síntese dos opostos.

O sistemas, tanto filosóficos como econômicos, vão sendo concebidos a granel, pelos especialistas, e êsses vários sistemas competem uns com os outros pela supremacia. Afinal de contas, os técnicos e os especialistas só nos podem oferecer as próprias opiniões; não podem oferecer a verdadeira solução, porquanto esta se acha inteiramente fora dos limites de todos os sistemas. Pode um sistema ser técnicamente impecável e ser todavia inaplicável, a não ser compulsóriamente, mas mediante a compulsão não se consegue a paz. Não há paz possível, sem a remoção das causas do caos. E as raízes do sofrimento precisam de ser expostas às vistas de cada um, antes que venham a secar. Entretanto, confiamos nos especialistas, porque cada um de nós não deseja pensar a fundo, por si mesmo, nos problemas da paz, preferindo apoiar-se nos especialistas, nos políticos, nos ideadores de planos econômicos. Mas, positivamente, a paz não se encontra na esfera das idéias. Podeis ver por vós mesmos que a paz não dimana de um processo intelectual. Nosso pensar é condicionado e, por isso, limitado. O pensamento limitado é invariávelmente errôneo e sempre uma fonte de conflito. Confiar nos sistemas, por mais perfeitos que sejam, técnicamente, é fugir à responsabilidade de nos empenharmos diretamente pela paz.

A guerra, essa tragédia sempre crescente, é, bem considerada, tão só a expressão espectacular e sangrenta de nossa vida cotidiana. A guerra não é um resultado acidental de uma sociedade irresponsável. A miséria, a vio-

lência, o pavoroso caos que domina o mundo derivam de nossas ações diárias, nas relações com as coisas, as pessoas e as idéias. Enquanto não forem compreendidas essas relações, por maneira completa e profunda, não será possível a paz no mundo. A paz e a felicidade não se apresentam na existência por si sós, ou por obra do acaso. Para ser feliz e viver em paz, deve o indivíduo pagar o preço. Êsse preço poderá parecer exorbitante, porém, na realidade, não é tão grande assim; o preço que temos de pagar consiste, ùnicamente, na intenção clara e precisa de abrigarmos a paz em nós mesmos e, conseqüentemente, de vivermos em paz com nossos semelhantes. Essa intenção é essencial. O preço da paz consiste em libertar-nos das causas que trazem em seu séquito a hostilidade e a violência, o antagonismo e a inveja. A paz é uma maneira de vida, e não um resultado da estratégia empregada por um indivíduo ou grupo. É uma maneira de vida na qual a violência não é reprimida pelo ideal da não violência, mas, sim, em que a violência e seus efeitos e causas são compreendidos profundamente e, em virtude disso, transcendidos.

Para compreender-se a violência, cumpre haver uma percepção clara da violência em suas várias expressões. As causas da violência são complexas e variadas. O nacionalismo, o antagonismo de classe, o espirito de aquisição, a desenfreada ambição de poder, as inumeráveis crenças de que sofre a nossa mente, eis os fatôres da violência. O apetite de ganho, que é a base de nossa atual civilização, dividiu o homem contra o homem. Em nosso desejo de possuir, de dominar as idéias, os sentimentos e o trabalho alheios, fizemos uma separação de nós mesmos em classes, governos de classe, lutas de classe, guerras de classe, e também em indus e muçulmanos, americanos e russos, operários e camponezes. O domínio sôbre as coisas feitas pela mão é o que menos desastres acarreta; é a escravização mental, a escravização psicológica do homem pelo homem, que embrutece e desintegra.

As causas reais da guerra estão ocultas em nossa aversão a nos mantermos livres, internamente, psicològicamente. Enquanto não estivermos prontos a abandonar as nossas crenças, nossos dogmas, ideologias e sistemas de pensamento, nossos padrões de conduta e os vários fatôres compulsórios que são ùnicamente cadeias inventadas pela sociedade para dominar sem compreensão, subsistirá o problema da violência. Essas cadeias derrotarão, inevitavelmente, com o caos e a miséria, todos os programas de transformação política, econômica ou religiosa.

No entanto, podemos viver em extrema simplicidade e sensatez, e conseqüentemente em paz, se nossa mente e nosso coração não estão entranhados do desejo de posse, quer das coisas feitas pela mão, quer das criadas pela mente. O de que necessitamos em matéria de alimentação, vestuário e teto, chegar-nos-á de maneira fácil e racional, quando as nossas vidas tiverem sido libertadas da violência. Essa liberdade que nos abriga da violência é o Amor. O especialista, ecônomico ou religioso, político ou social, nos está conduzindo ao desastre. Cada um de nós deve interessar-se com empenho na criação de uma nova sociedade ou uma nova civilização, resguardada das causas que estão destruindo e desintegrando o mundo em que vivemos. Compete, pois, a vós, o indivíduo, compenetrar-vos de que é pela vossa própria transformação, pela vossa livre disposição de pagar o preço da paz, pelo abandono prazeroso do nacionalismo e da segurança de classe, das ideologias e religiões organizadas, que sereis capazes de implantar a paz no mundo. Vossa própria transformação é de extrema importância, porquanto vós sois, individualmente, a causa da confusão universal, e a conduta de vossa vida operará uma imediata transformação do mundo que vos circunda, ou fará continuar o caos e o sofrimento.

O que vós sois é da mais transcendental importância, e não as alegações dos especialistas. É a vossa conduta diária o fator decisivo na consecução da paz para o

mundo; não são os movimentos das massas sob a compulsão de elementos físicos e psicológicos, o que trará a paz e a felicidade ao homem. A menos que deixeis de ceder a tóda e qualquer pressão — física ou mental, religiosa ou política — continuareis sendo o criador e a vítima dessa horrível angústia. Por consequência, vós, o indivíduo, é que sois o problema do mundo. Sois vós o único problema, porquanto todos os demais problemas foram criados pela vossa relutância em vos ocupardes em primeiro lugar de vós mesmos e compreenderdes a vós mesmos profundamente, completamente.

Os problemas do mundo são os vossos próprios problemas, ampliados e multiplicados. Êles não vos são estranhos, por forma alguma — são os mesmos problemas de alimentação e morada, de afeição e liberdade, de paz e felicidade. Vós sois uma parte e uma expressão do mundo, e o mundo está refletido em vós, integralmente, completamente. Não podeis separar-vos do mundo, porque o mundo interessa a vós e vós interessais ao mundo, quer vos agrade, quer não. Tudo o que fizerdes para vos alienardes do mundo levará inevitavelmente à decomposição, ao fenecer da mente e do coração. Vós criastes o mundo e a vós incumbe transformá-lo. É pela vossa conduta, pela vossa maneira de viver, pela radical regeneração de vós mesmos, que sereis capazes de criar um mundo novo, onde não haja necessidades nem lutas, nem explorações, nem guerras. Essa regeneração fundamental, essa completa transformação, virá no dia em que estiverdes cônscios de vossos pensamentos, sentimentos e ações. Tomai sentido de vossa conduta diária, da maneira como vos condiciona o passado e o vosso ambiente, de vossa maneira de agir sob a influência da memória, da avidez, da imitação e submissão. Não condeneis a vossa vida. Sêde compassivos para com vós mesmos, mas não vos justifiqueis. Sem condenação nem justificação, olhai-vos como vós sois, observai-vos, pensando, sentindo e agindo, até começardes a compreender a vós mesmos. Esta chama

da compreensão dissolve tôdas as complicações, tornando possível a verdadeira simplicidade. E' esta simplicidade da mente e do coração que efetuará a transformação do indivíduo e transformará imediatamente o mundo em que viveis.

Vós percebereis a existência da violência em vossa vida diária. Se a condenardes, criareis o seu oposto, o ideal da não violência, o qual perpetua a violência, uma vez que vos envolve num interminável conflito com a violência. Permanecer em estado de conflito é também violência. Cultivar um ideal de não violência e ao mesmo tempo viver na violência, é hipocrisia, traição à verdade e à realidade, e, por consequência, a forma mais exaltada da violência. Um ideal é sempre algo que não tem existência; é uma ficção, êsse oposto. O real é a única coisa que existe. Fictício que é, todo ideal é ineficaz e sustenta, conseqüentemente, a violência, sob esta ou aquela forma. Mas na percepção plena e flexível da violência e suas várias consequências, reside a nossa libertação dela, e não numa mera substituição por outra forma de violência.

Só o amor pode transformar o mundo. Sistema algum, seja da esquerda, seja da direita, por mais sàbiamente, por mais convincentemente que esteja concebido, pode trazer a paz e a felicidade ao mundo. O amor não é um ideal; êle surge onde existe o respeito e a compaixão de todos para com todos. Devemos mostrar a todos esse respeito e compaixão. Êsse modo de ser se apresenta com a riqueza da compreensão. Onde existe a cupidez e a inveja, onde existe a crença e o dogma, não pode haver o amor. Onde há nacionalismo ou apêgo aos valores materiais, não pode haver amor. Entretanto, só o amor é capaz de resolver tôdas as nossas humanas dificuldades. Sem o amor, é a vida rude, cruel e vazia. Mas, para que possa ver a verdade do amor, deve cada um estar livre dos processos pelos quais o indivíduo se encerra a si mesmo e que estão destruindo o indivíduo e desintegrando o mundo. A paz e a felicidade se apresentam

quando a mente e o coração não estão atravancados por aquelas maneiras de vida que promovem constantemente o insulamento.

O amor e a verdade não podem ser encontrados em nenhum livro, Igreja ou Templo. Vêm à existência com o autoconhecimento. O autoconhecimento é um processo árduo, porém não difícil; só se torna difícil quando estamos tentando alcançar um resultado. Mas o estar cônscio, simplesmente, a todos os momentos, das tendências de nossos pensamentos, sentimentos e ações sem condenar nem justificar, traz uma liberdade, uma libertação na qual tão sòmente se pode encontrar a bem-aventurança da Verdade. Esta Verdade é que trará a paz ao mundo. Esta Verdade é que fará de cada um de nós uma fonte de alegrias e felicidades nas nossas relações.

A guerra catastrófica que agora parece iminente, não pode ser evitada mediante convulsivos esforços diplomáticos, nem pelo jôgo das conferências. Nem os pactos nem os tratados serão capazes de deter a guerra. O que pode pôr côbro a essas guerras periódicas é a boa vontade. As ideologias são, por sua própria natureza, causadoras de conflito, antagonismo e confusão, e delas resulta a destruição da boa-vontade.

Assumem as ideologias excepcional importância quando o indivíduo e sua felicidade interior são negados. Tornamo-nos, então, vós e eu, meros peões no taboleiro dos ambiciosos de mando, e existindo a fome de mando, quer individual, quer coletivo, é inevitável o derramamento de sangue e o sofrimento.

É simples o caminho da paz. É o caminho da Verdade e do Amor. Êle começa no próprio indivíduo. Onde o indivíduo admite a sua responsabilidade pela guerra e pela violência, encontra a paz um ponto de apoio. Para chegar longe, deve o indivíduo partir de si próprio, pois as primeiras ações devem ser interiores. As nascentes da paz não estão fora de nós, e o coração do homem está sob a guarda dêle próprio. Para pôr termo à violência

deve cada um libertar-se, voluntáriamente, das causas da violência, lançar-se, diligentemente, à tarefa da transformação de si mesmo. Nossas mentes e corações precisam de ser simples, precisam de estar fecundamente vazios, precisam de estar vigilantes. Só então poderá o Amor surgir na nossa existência. Só o amor pode trazer a paz ao mundo, e só por êle virá o mundo a conhecer a imensurável felicidade do Real.

Bombaim, 3-4-1948.

Ação

OS problemas que se apresentam a cada um de nós e, portanto, ao mundo, não podem ser resolvidos pelos políticos ou pelos especialistas. Êsses problemas não são o resultado de causas superficiais, e como tal não podem ser estudados. Problema algum, e muito menos um problema humano, pode ser resolvido num nível exclusivo. Nossos problemas são complexos; só podem ser resolvidos como um processo total das reações humanas ante a vida. Podem os especialistas oferecer-nos planos de ação cuidadosamente elaborados, mas não são as ações planejadas que irão trazer-nos a salvação, mas tão sòmente a compreensão do processo total do homem, isto é, de vós mesmo. Os especialistas só têm capacidade para tratar de problemas num nível exclusivo, com o que aumentam os nossos conflitos e a nossa confusão.

É de efeitos desastrosos considerar os nossos complexos problemas humanos num só nível determinado e permitir que os especialistas governem a nossa vida. Nossa vida é um processo complexo, a exigir uma compreensão profunda de nós mesmos, que somos pensamento e sentimento. Sem compreendermos a nós mesmos, não há problema, por mais superficial ou por mais complexo que seja, que possa ser compreendido. Sem a compreensão de nós mesmos, a vida de relação nos levará, inevitàvelmente, ao conflito e à confusão. Sem compreensão de nós mesmos, é impossível fun-

dar-se uma nova ordem social. Revolução sem autoconhecimento não passa de continuação, com modificações, das condições atuais.

Autoconhecimento não é coisa adquirível nos livros, nem tão pouco é o resultado de penosos exercícios e disciplinas, longamente praticados; êle é, antes, uma percepção, momento por momento, de todos os pensamentos e sentimentos que surgem na vida de relação. A vida de relação não está num nível ideológico e abstrato; ela é uma realidade — nossa relação com a propriedade, com as pessoas e com as idéias. Relação implica existência; e visto que coisa nenhuma pode viver no isolamento, ser é estar em relação. Nosso conflito está na vida de relação, em todos os níveis de nossa existência; e o compreender êsse estado de relação, por maneira profunda e ampla, é o único problema real de cada um de nós. Êsse problema não pode ser adiado, nem evitado. Evitá-lo é, tão sòmente, criar mais conflitos e mais sofrimentos. O furtar-nos a êle traz como resultado, ùnicamente, a privação de pensamento, que logo é explorada pelos astutos e ambiciosos.

A religião, pois, não é crença, não é dogma, mas, sim, a compreensão da verdade, que cumpre descobrirmos na vida de relação, de momento em momento. A religião que é crença, que é dogma, não passa de um meio de fugirmos à realidade da vida de relação. O homem que busca Deus, ou como o chameis, numa crença que êle chama religião, cria apenas antagonismo, fazendo surgir a separação, que é desintegração. Qualquer espécie de ideologia, da direita ou da esquerda, desta ou daquela religião, incita o homem contra o homem — como vemos acontecer no mundo atualmente.

A substituição de uma ideologia por outra não constitui a solução de nossos problemas. O problema não está na escolha da melhor ideologia, mas, sim, na compreensão de nós mesmos, como um processo total. Dirieis, porventura, que a compreensão de nós mesmos levará um tempo infinito e que enquanto a buscamos o mundo vai-se desfazendo

em pedaços. Supondes que, munido de um plano de ação traçado de acôrdo com uma ideologia, tereis a possibilidade de ràpidamente transformar o mundo. Se examinarmos êsse assunto com um pouco mais de atenção, veremos que as idéias de modo nenhum unem os homens. Uma idéia pode servir para formar um grupo, mas êsse grupo fica em oposição a outro grupo subordinado a uma idéia diferente, e dêsse modo, progressivamente, as idéias se tornam mais importantes do que a ação. As ideologias, as crenças, as religiões organizadas só servem para desunir os homens.

A humanidade não pode ser unificada por uma idéia, por mais nobre e vasta que seja essa idéia. Porque a idéia é, meramente, uma reação condicionada; e tôda reação condicionada, no encontro com o desafio da vida, é forçosamente inadequada, uma vez que encerra em si o conflito e a confusão. A religião que está baseada numa idéia não pode unir a humanidade. A religião, como experiência de uma determinada autoridade, poderá unir um certo número de pessoas, mas, inevitàvelmente, fará nascer o antagonismo; a experiência de outro não é verdadeira, por maior que seja êsse outro. A verdade jamais pode ser o produto de autoridade *projetada*. A experiência de um *guru*, de um instrutor, de um santo, de um salvador, não é a verdade — a qual cabe a vós mesmo descobrir. A verdade de outro não é a verdade. Podeis repetir, para outra pessoa, a expressão verbal da verdade; mas o processo da repetição a converte numa mentira.

Não é válida a experiência de outro para a compreensão da realidade. Entretanto, as religiões organizadas, no mundo inteiro, baseiam-se na experiência de outro, e, por conseguinte, elas não estão libertando o homem, porém, ao contrário, prendendo-o a um determinado padrão e instigando os homens uns contra os outros. Cumpre a cada um de nós começar de novo, por maneira nova, pois, o que somos o mundo é. O mundo não é diferente de vós e de mim. O pequeno mundo dos nossos problemas, estendendo-se, torna-se o mundo e os problemas do mundo.

Perdemos as esperanças na nossa compreensão, em face dos vastos problemas do mundo. Não percebemos que não se trata de um problema de ação coletiva, mas sim do despertar do indivíduo para o mundo em que vive e da solução dos problemas do seu próprio mundo, por mais limitado que êste seja. A coletividade, a massa, é uma abstração, explorada pelo político, pelo homem que tem uma ideologia. A massa, na realidade, sois vós e eu e outro. Quando vós e eu e outro estamos hipnotizados por uma palavra, tornamo-nos então "a massa", que, contudo, é uma abstração, visto que a palavra é abstração. A ação coletiva é uma ilusão. Tal ação representa, meramente, a idéia de uns poucos em relação com a ação, e essa idéia nós adotamos, em nossa confusão e desespêro. Por causa dessa confusão, desse desespêro, escolhemos os nossos guias políticos ou religiosos; e êsses guias, em razão da nossa escolha, hão de estar, inevitàvelmente, também em confusão e desespêro. Poderão ostentar uma aparência de certeza e oniciência mas, na realidade, visto que são os guias escolhidos pelos que estão confusos, não podem deixar de estar igualmente confusos. Num mundo em que tanto o guia como o guiado estão confusos, o seguir um padrão, uma ideologia, consciente ou inconsciente, é aumentar o conflito e o sofrimento.

Portanto, o indivíduo é que é importante, e não a sua idéia ou a pessoa a quem segue, não a sua nação ou a sua crença. *Vós* sois importante, e nada importa a ideologia ou a nação a que pertençais, nada importa a vossa côr ou credo; toda ideologia é apenas uma *projeção* de nosso próprio condicionamento. Êsses condicionamentos poderão, num determinado nível, ser-vos úteis, como conhecimento; mas noutro nível, nos níveis mais profundos da existência, tornam-se êles sobremodo nocivos e destrutivos. Sendo *projeções* de vós mesmos, essas coisas — as religiões, as ideologias, o nacionalismo, os padrões — tôda ação que nelas se baseie é tal qual a atividade do cão que persegue a

própria cauda. Porque tôdas as nossas idéias são produtos de nós mesmos. São o resultado de nossas próprias *projeções* e não nos revelam a verdade.

Só quando o indivíduo compreender a atual estrutura da existência, essa estrutura de conclusões e ideais *projetados* de si mesmo — só então teremos a possibilidade de libertar-nos e de considerar o problema por maneira nova. A crise, os desastres que nos ameaçam, não podem ser dissolvidos por um outro conjunto de ideologias *projetadas* de nós mesmos, mas, tão sòmente, quando vós, como indivíduo, perceberdes a verdade a êsse respeito e começardes, assim, a compreender o processo total de vosso pensar e sentir. O indivíduo só é importante assim compreendido, e não na sua reação, insulada e cruel, ao problema.

Afinal de contas, em tôda parte, o problema é a nossa reação inadequada ao sempre novo e sempre variado desafio da vida. Essa deficiência gera conflito e dá origem ao problema. Enquanto não fôr adequada a reação, teremos, necessàriamente, uma multidão de problemas. Para a reação adequada não se requer um novo condicionamento, porém, ao contrário, completa isenção de condicionamento. Isto é, enquanto fordes budista, cristão, maometano, hinduísta, enquanto pertencerdes á esquerda ou á direita, não podeis corresponder adequadamente aos problemas que são produtos de vós mesmos e, consequentemente, do mundo. Não será o fortalecimento do condicionamento religioso e social que trará a paz para vós e para o mundo.

O mundo é vosso problema; e, para o compreenderdes, precisais compreender a vós mesmo. Essa compreensão de vós mesmo não depende do tempo. Só existis em relação; de outro modo, não existis. Vossa vida de relação é o problema — vossa relação para com a propriedade, as pessoas, as idéias, as crenças. Essa relação é agora atrito, conflito; e enquanto não compreenderdes as vossas relações, podeis fazer o que quiserdes, podeis hipnotizar-vos com uma ideologia ou credo, não haverá descanso para

vós. Essa compreensão de vós mesmo significa ação, na vida de relação. Descobris a vós mesmo, assim como sois, diretamente, na vida de relação. A vida de relação é o espelho no qual podeis ver a vós mesmo, tal como sois. Não podeis ver a imagem fiel de vós mesmo, nesse espelho, se a mirais já com uma conclusão e uma explicação, ou com condenação e justificação.

A percepção mesma daquilo que sois, de como sois, no momento da ação, nas vossas relações, traz-vos a libertação daquilo que "é". Só na liberdade é possível o descobrimento. Uma mente condicionada não pode descobrir a verdade. A liberdade não é uma abstração; ela surge na existência com a virtude. Pois, a própria natureza da virtude é a de trazer-nos a libertação das causas da confusão. Afinal de contas, a ausência de virtude significa desordem, conflito, mas a virtude é liberdade, é a clareza do percebimento, que vem com a compreensão. Não podeis *tornar-vos* virtuoso. O "vir a ser" é a ilusão da avidez e do desejo de aquisição. Virtude é a percepção imediata do "que é". Assim sendo, o autoconhecimento é o comêço da sabedoria; e a sabedoria é que resolverá os vossos problemas e, portanto, os problemas do mundo.

COLOMBO, *Ceilão*, 8-12-1949.

Relação

RELAÇÃO é ação, não é verdade? A ação só tem sentido na vida de relação. Sem se compreender a vida de relação, a ação, em qualquer nível que seja, só há de gerar conflito. A compreensão da vida de relação é infinitamente mais importante do que a busca de qualquer plano de ação. A ideologia, o padrão de ação, impede a ação verdadeira. A ação baseada na ideologia obsta à compreensão das relações humanas.

A ideologia pode ser da direita ou da esquerda, religiosa ou secular, mas é sempre destrutiva das relações entre os indivíduos. O compreender a vida de relação representa a verdadeira ação. Sem se compreender a vida de relação, é inevitável a luta e o antagonismo, a guerra e a confusão.

Relação significa contacto, comunhão. Não pode haver comunhão onde os homens estão divididos por idéias. Pode uma crença reunir em tôrno de si um grupo de indivíduos, mas um tal grupo fará inevitàvelmente nascer oposição, dando ensejo a que se forme um outro grupo de crença diferente.

Os ideais retardam a nossa relação direta com o problema. É só na relação direta que pode haver a ação verdadeira. Entretanto, infelizmente, todos nós nos acercamos de um problema já munidos de conclusões e explicações, que chamamos ideais. São êsses os fatôres que retardam a ação. Tôda idéia é pensamento verbalizado. Sem a palavra, o símbolo, a imagem, não existe pensamento. O pensamento é a reação da memória, da experiência, que são influências condicionadoras. E as influências não são ape-

nas do passado, mas, ainda, do passado em conjunção com o presente. Assim sendo, o passado está sempre ensombrando o presente. Uma idéia é a reação do passado ao presente, e por isso a idéia, por mais ampla que seja, é sempre limitada. Por essa razão, as idéias sempre hão de dividir os homens.

O mundo está sempre à beira da catástrofe, mas atualmente parece estar mais perto dela. Percebendo a iminente catástrofe, os mais de nós procuramos refúgio numa idéia. Pensamos que essa catástrofe, essa crise, pode ser resolvida por uma ideologia. A ideologia é sempre um empecilho às relações diretas e um obstáculo à ação. Desejamos a paz apènas como idéia, e não como realidade. Queremos a paz no nível verbal, quer dizer, apenas no nível do pensamento, ainda que orgulhosamente o chamemos o nível intelectual. Mas a palavra "paz" não é a paz. Só poderá haver paz quando desaparecer a confusão criada pela ação de "vós e outro". Estamos ligados ao mundo das idéias, e não à paz. Estamos em busca de novos padrões sociais e políticos, e não da paz. Vivemos interessados na conciliação dos efeitos, em vez de procurarmos eliminar a causa da guerra. Êsse esfôrço só trará soluções condicionadas pelo passado. Êsse condicionamento é o que chamamos conhecimento, experiência; e os fatos novos e sempre variados são interpretados de acôrdo com êsse conhecimento. Existe, por isso, conflito entre "o que é" e a experiência que já passou. O passado, que é conhecimento, há de estar sempre em conflito com o fato, que é sempre do presente. Isso, portanto, não resolverá o problema, porém, ao contrário, perpetuará as condições que o criaram.

Achegamo-nos ao problema com idéias a seu respeito, com conclusões e soluções amoldadas aos nossos preconceitos. Entre nós mesmos e o problema interpomos a cortina da ideologia. Naturalmente, a solução do problema sai de acôrdo com a ideologia e o resultado é criar-se outro problema sem que se tenha resolvido o primitivo.

A vida de relação é o nosso problema, e não a idéia concernente à vida de relação; — relação não apenas num determinado nível, mas em todos os níveis de nossa existência. Êste é o único problema que temos. Para compreendermos a vida de relação, precisamos chegar-nos a ela com isenção de tôda ideologia, de todo preconceito — não sòmente o preconceito do inculto, mas também o preconceito do saber. Não há compreensão do problema com base na experiência do passado. Todo problema é novo. Não há problema velho. Se nos abeiramos de um problema com uma idéia, que é invariàvelmente produto do passado, a solução será igualmente produto do passado, impedindo assim a compreensão do problema.

A busca de solução para um problema só tem o efeito de intensificá-lo. A solução não está fora do problema, porém, no próprio problema. Precisamos ver o problema por maneira nova, e não através da cortina do passado. A deficiência de nossa reação ao desafio cria o problema. E' essa reação inadequada que precisa ser compreendida, e não o problema. Ansiamos por ver o novo e não o podemos ver porque a imagem do passado nos veda a sua clara percepção. Reagimos ao desafio apenas como singaleses, tamilianos, budistas, cristãos, ou como partidários da direita ou da esquerda. Isso invariàvelmente produz mais conflito. O importante não é, pois, que se veja o novo, mas que se afaste o velho. Quando a reação é adequada ao desafio, só então não há conflito nem problema algum. Isso nós precisamos ver em nossa vida diária e não nas edições dos jornais.

A vida de relação é o desafio de nossa vida diária. Se vós e eu e outro não sabemos pôr-nos de acôrdo entre nós, estamos criando condições que produzem a guerra. Assim sendo, o problema do mundo é vosso problema. Não sois diferente do mundo. O mundo sois vós. O que sois o mundo é. Só podeis salvar o mundo, que sois vós mesmo, com a compreensão das vossas relações na vida cotidiana, e não por meio de crença, chamada religião, ou

por meio de uma reforma, por mais ampla que seja, efetuada pela esquerda ou pela direita. A esperança do mundo não é o especialista, não é a ideologia nem o novo guia; sois vós mesmo.

Podeis perguntar como, vivendo uma vida comum, num círculo limitado, sois capaz de influir na atual crise mundial. Não creio que o sejais. A luta atual é o resultado do passado, que foi criado por "vós e outro". Enquanto "vós e outro" não modificardes radicalmente as vossas relações, só contribuireis para que haja mais sofrimento. Isso não é simplificação exagerada. Se as examinardes cabalmente, vereis como as vossas relações com outro, expandindo-se, produzem conflito e antagonismo no mundo todo.

O mundo sois vós. Sem a transformação do indivíduo — que sois vós — não ha possibilidade de uma revolução radical no mundo. Revolução na ordem social, sem a transformação do indivíduo, só pode conduzir a novos conflitos e desastres. Porque a sociedade é a relação existente entre vós e mim e outro. Sem uma revolução radical nessas relações, qualquer esfôrço destinado a implantar a paz, é mera reforma, isto é, retrocesso, por mais revolucionária que seja essa reforma.

As relações que se baseiam na necessidade mútua só produzem conflito. Por mais interdependentes que sejamos, estamos-nos servindo uns dos outros, com um determinado propósito, com um fim. Sempre que se tem um fim em mira, não existem relações. Podeis servir-vos de mim, e eu posso servir-me de vós, mas, nessa mútua utilização, perdemos o contacto. Tôda sociedade baseada na utilização mútua está fundada na violência. Quando nos servimos uns dos outros só temos diante dos olhos o fim que queremos alcançar. O fim, o ganho, impede o estado de relação, a comunhão. Na utilização de outro, por mais aprazível e confortante que isso seja, existe sempre o temor. Para eliminar êsse temor, achamos necessário possuir. Da posse advém o ciúme, a suspeita e o conflito constante. Um es-

tado de relação em tais condições não pode, em tempo algum, produzir felicidade.

Toda sociedade cuja estrutura está meramente baseada na necessidade, quer fisiológica, quer psicológica, há de necessàriamente gerar conflito, confusão, miséria. A sociedade é a *projeção* de vós mesmo em relação com outro, relação em que predominam a necessidade e o uso. Quando vos servis de outro para satisfazer vossa necessidade, física ou psicológica, não há, de fato, relação de espécie alguma; não estais realmente em contacto com o outro, não há comunhão com êle. Como podeis estar em comunhão com outro, quando vos servis dêle como se fôsse uma peça de mobília, para vossa conveniência e confôrto? É, portanto, essencial que se compreenda o significado do estado de relação na vida de cada dia.

Não compreendemos a vida de relação; o processo total de nosso ser, nossos pensamentos e atividades só tendem para o isolamento, o qual impede o estado de relação. Os ambiciosos, os sagazes, os crentes não podem estar em relação uns com os outros. Só podem servir-se uns dos outros, o que contribui para criar-se confusão e inimizade. Tal confusão e inimizade existem na moderna estrutura social; continuarão a existir em qualquer sociedade reformada, enquanto não se operar uma revolução fundamental em nossa atitude para com outro ser humano. Enquanto estivermos a servir-nos dos outros como meios para alcançarmos um fim, por mais nobre que seja êsse fim, haverá necessáriamente violência e desordem.

Quando vós e eu houvermos realizado uma revolução fundamental em nós mesmos, uma revolução não baseada na necessidade mútua — não terão, em tal caso, as nossas relações sofrido uma radical transformação? A nossa dificuldade consiste em têrmos já um retrato do que deveria ser a nova sociedade organizada, e em procurarmos adaptar-nos a êsse padrão. Tal padrão, òbviamente, é fictício. O que é real é o que nós somos, de fato. Na compreensão daquilo que sois, que se mostra com tôda a clareza no es-

pelho da vida de relação, dia por dia, encontra-se a liberdade, a ordem, a realidade; seguir o padrão redunda apenas em novos conflitos e mais confusão.

A atual desordem e miséria social há de chegar ao seu desfecho. Mas vós e eu devemos enxergar a verdade que está na vida de relação, dando início, por essa maneira, a uma nova forma de ação não baseada na necessidade e na satisfação mútuas. A mera reforma da presente estrutura da sociedade, sem se alterar fundamentalmente a natureza de nossas relações, é puro retrocesso. Uma revolução que mantenha a utilização do homem em vista de um fim, por mais promissor que pareça êsse fim, uma tal revolução é um fator de novas guerras e de sofrimentos inenarráveis. O fim a que visamos é sempre a *projeção* de nosso próprio condicionamento. Por mais promissor, por mais utópico que seja, o fim só pode representar um meio de criar mais confusão e mais sofrimento. O que é relevante, nisso tudo, não são os novos padrões, não são as modificações superficiais, porém, antes, a compreensão do processo integral do homem, que sois vós mesmo.

No processo de compreender a vós mesmo, não no isolamento mas no estado de relação, observareis como se opera uma transformação profunda e perdurável, na qual a utilização de outro como meio para atingirdes vossa própria satisfação psicológica, deixa de existir. O que realmente importa não é a maneira de agir, não é o padrão que se deva seguir ou a ideologia que pareça a melhor, porém a compreensão de vossas relações com outro. Essa compreensão é a única revolução verdadeira, e não a revolução que se baseia numa idéia. Tôda revolução baseada em ideologia tende a manter o homem como um meio, apenas.

Visto que o interior sempre prepondera sôbre o exterior, se não compreenderdes o processo psicológico, no seu todo, não tereis base alguma para pensar. Todo pensamento que produz um padrão de ação só poderá dar em mais ignorância e maior confusão.

Só há uma revolução fundamental. Essa revolução não é produto de idéia, nem se baseia em padrão de ação. Verifica-se essa revolução ao desaparecer a necessidade de nos utilizarmos uns dos outros. Tal transformação não é coisa abstrata, ou uma aspiração, mas, sim, uma realidade possível de experimentar-se logo que começamos a compreender a natureza de nossas relações. Essa revolução fundamental pode chamar-se amor. É o único fator criador, o único capaz de operar a transformação de nós mesmos e, conseqüentemente, da sociedade.

COLOMBO, *Ceilão*, 22-1-1950.